

## Fim de Caso: criação, efemeridade e cultura<sup>1</sup>

Maria Dalva Ramaldes<sup>2</sup>  
Ruth de Cássia dos Reis<sup>3</sup>  
Breno Maciel Souza Reis<sup>4</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes

### Resumo

Um telefone com câmera na mão e nenhuma pretensão artística na cabeça. Assim começa a trajetória do vídeo “Pedro, me dá meu chip...”, que vira *hit*, *mashup*, desperta curiosidade, pauta programas de TV, cria celebridades e estimula a produção deste artigo. A proposta é, a partir dele, refletir sobre o embaçamento dos limites entre esfera pública e privada e analisar como um fenômeno da comunicação mediada por computador a multiplicação da instância enunciativa no ciberespaço: um processo considerado a partir da convergência entre dispositivos móveis de comunicação e a internet, num cenário onde se identifica a replicação de discursos que se instalam como “*memes*” na cibercultura. Também se examina aqui a circulação de bens imateriais no ciberespaço e a diluição das fronteiras entre o real e o virtual.

### Palavras-chave

ciberespaço; bens imateriais; enunciação; sociedade líquida; mobilidade

### Introdução

Não passa das 9 hs da manhã e um jovem senhor se aproxima de um quiosque na orla da Praia de Itapoã, em Vila Velha, e diz sorrindo ao proprietário: “me dá meu chip, Pedrooo!”. Imediatamente, o atendente do balcão pergunta se “gelado ou natural”, para, a seguir, lhe entregar um coco verde. A relação de proximidade entre um provável cliente habitual e o funcionário do estabelecimento permitia que a expressão não fosse traduzida literalmente, funcionando como um código de comunicação interpretado de igual modo pelos dois sujeitos. Poucos minutos após, a mesma expressão era repetida pela vinheta sonora de

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Entretenimento, práticas socioculturais e subjetividade” do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Prof. do Departamento de Comunicação Social da Ufes. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Mídias Digitais Móveis”. Dra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. e-mail: mdramaldes@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Prof. do Departamento de Comunicação Social da Ufes. Dra pela Escola de Comunicação da UFRJ. Mestre pela Escola de Comunicações e Artes – USP. Secretária de Comunicação da Prefeitura de Vitória – ES. E-mail: ruthreis@oi.com.br

<sup>4</sup> Graduando em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, pesquisador-voluntário do Grupo de Pesquisa “Mídias Digitais Móveis”. E-mail: brenomaciel@gmail.com

uma emissora de rádio local, complementada pela narração de um locutor: “*Me dá meu chip, Pedrooo! Mulher, tá nervosa? Ouça a rádio Jovem Pan*”.

Os dois fatos, aqui apresentados, resumem os efeitos da replicação em rede de um vídeo amador tendo como foco central um conflito entre um casal de ex-namorados. O episódio, gravado intencionalmente por um vizinho, com o recurso da câmera de um telefone celular, envolvia o produtor musical Pedro Queiroz, residente no bairro Jardim Camburi, e uma ex-namorada que, na madrugada do dia 16 de setembro, passou horas aos gritos na calçada do prédio dele, tentando reaver um *chip* de telefonia móvel, após o rompimento da relação afetiva entre os dois.

Postado inicialmente no Youtube, o vídeo de quatro minutos registrou quatrocentos mil acessos em 48 horas. No último dia do mês de setembro contabilizava 1.388.598 exibições. De forma viral, atingiu outros espaços virtuais de interação, com replicação por *e-mails* e *blogs*, além de se tornar alvo de comentários no Twitter, Orkut, Facebook e em outras redes sociais. A página de Orkut do citado Pedro recebeu mais de seis mil *scraps*. No mesmo site de relacionamento foram criadas 71 comunidades dedicadas ao episódio, nas quais seus membros especulavam sobre as identidades dos participantes do vídeo – tanto da garota que gritava histérica, chamando por Pedro, quanto pelo produtor de vídeo – e, também, sobre as razões da discórdia. Algumas disponibilizaram tópicos através dos quais era possível baixar o vídeo para computadores, inclusive em formatos específicos para visualização em dispositivos móveis, bem como *ringtones*<sup>5</sup> com trechos do áudio para serem configurados como toques de chamada.

O vídeo ganhou novas versões<sup>6</sup> também disseminadas na rede mundial de computadores. O “factóide” se transformou em pauta de interesse da mídia local e nacional, anunciando o “fim do mistério”, como uma revelação novelesca. O tamanho da audiência conquistada pelo vídeo (e versões) transformou Pedro em uma celebridade gerada como um fenômeno midiático, “típico da indústria cultural, vinculado à força difusionista e aos interesses da mídia de massa” como expõe Primo (2009, p. 8), ao afirmar que a web 2.0 potencializa esta emergência, ampliando formas de celebração que incentivam a vaidade e a competição. O até então desconhecido Pedro foi entrevistado nos programas “Balanço Geral”,

---

<sup>5</sup> *Ringtones* são arquivos que podem ser utilizados em dispositivos móveis, como telefones celulares, para identificar uma chamada.

<sup>6</sup> Nos ritmos musicais de Funk e death metal e em paródias com Hitler, Obama, e Darth Vader; uma versão disfarçada de propaganda da operadora de telefonia móvel Oi, além de remix de um show da Xuxa, no Chile, no ano de 2000. Todos os formatos e estilos das variações do vídeo original permanecem em circulação na internet.

da TV Vitória, emissora vinculada à Rede Record de Comunicação; “Márcia”, da Rede Bandeirantes; e no “Mais Você”, da Globo.

Com distinção daqueles que procuram os espaços de exposição em busca de notoriedade e fama, Pedro é exemplo da produção de celebridades instantâneas não como uma construção individual, mas produto de uma organização coletiva acelerada e descentralizada no ciberespaço. A consagração se confirma com uma reportagem especial no “Fantástico”, também da Rede Globo, no dia 11 de outubro. Dois dias após, Pedro mantinha-se como alvo do interesse da mídia, no “Superpop” da Rede TV. Fenômeno semelhante tem se repetido com outros eventos similares de grande audiência na internet, demonstrando que os registros de ocorrências disseminadas no ciberespaço deixam de ser considerados pela mídia de massa como acontecimentos de um mundo paralelo e destinados a públicos segmentados. Proliferam situações em que a pauta da televisão ou dos jornais nasce de conteúdos distribuídos por meio da rede mundial de computadores. Veículos de comunicação, além de outras instituições públicas e privadas, têm dotado equipes de instrumentos para rastrear a rede e acompanhar o que circula na internet e identificar o que pode ser aproveitado como oportunidade de investimentos, cobertura ou alerta para acionar esquemas de defesa ou contra-ataque para preservar suas imagens. Exemplo é o *blog* do Estadão, o “Link”, que mantém “uma equipe que passa o tempo todo navegando e descobrindo novidades e tendências na rede”<sup>7</sup>. Há diversos casos passíveis de serem mencionados, desde os inaugurais como o da nutricionista Ruth Lemos<sup>8</sup>, em 2005; o da modelo Daniela Cicarelli<sup>9</sup>, em 2006; aos mais contemporâneos, como o da cantora Susan Boyle<sup>10</sup>, no início deste ano; e o da professora Jaqueline Carvalho<sup>11</sup>, no último mês de setembro.

Episódios como o de “*Pedro, me dá meu chip*” ilustram as características da comunicação na contemporaneidade, marcada pelos processos de convergência tecnológica que possibilitam a produção, reorganização textual, replicação e consumo de discursos em uma dinâmica incontrollável. A comunicação mediada por computadores em rede – e produzida pelos inúmeros e cada vez mais disponíveis instrumentos de registro de imagem e som – também coloca questões sobre o estatuto do enunciador e das experiências enunciativas

<sup>7</sup> <http://blog.estadao.com.br/blog/link/>

<sup>8</sup> Nutricionista que ficou famosa no Brasil, depois de entrevista no programa “Bom Dia Pernambuco”, na qual confundiu-se com sua própria voz ouvida no ponto eletrônico, que a fez falar de maneira bastante “peculiar”, gaguejando e repetindo o final de muitas palavras, como o repetido “sanduíche-íche”, que acabou por se tornar a marca registrada do inusitado episódio.

<sup>9</sup> Flagrada em cenas íntimas com um namorado em uma praia na Espanha.

<sup>10</sup> Apresentação da cantora revelação do *reality show* “Britain’s got talent” tornou-se sucesso do Youtube.

<sup>11</sup> Demitida por ser flagrada ao dançar *funk* em uma festa, e o vídeo de sua performance vazou na Internet.

no ciberespaço, ao instaurar replicadores e modular formas de interações fugazes, motivadas, em grande parte, pela troca simbólica de bens imateriais. Também revela que a internet tem seus momentos de mídia de massa, mesmo que o processo de distribuição seja diferente dos veículos de comunicação convencionais, transformando em *hits* episódios prosaicos e cotidianos que produzem celebridades instantâneas. Algumas até acreditam ter encontrado a porta da fama que vai abrir o caminho para a venda dos seus atributos no mercado da cultura ou assemelhados.

Observa-se também o contágio entre universos antes preservados em suas particularidades, como ocorre com os campos do público e do privado – em especial nas dimensões do íntimo, do visível e do invisível – do virtual e do real, o que se torna ainda mais presente com a intensa disseminação viral por meio da internet. Uma realidade que abre também o debate sobre as múltiplas formas de resignificação e reorganização discursiva dos conteúdos lançados na rede, num processo que mistura criatividade, oportunidade e experimentação, e reafirma, cada vez mais, que a vocação colaborativa desse ambiente proporciona mais comunicação, demonstrando que enquanto a grande indústria da comunicação se debruça sobre a qualidade técnica (TV de alta definição, por exemplo), as trocas efetivas e criativas ocorrem em baixa resolução.

A circulação do episódio em rede e seus efeitos na esfera pública midiática permeiam a reflexão que se produz através deste artigo, interessado no debate relativo às características e possibilidades da comunicação em rede amparada pelas tecnologias digitais na sociedade contemporânea, imersa em uma ambiência marcada pela hipermobilidade e pela hiperconectividade. Além de abranger os conceitos de replicação, sociedade líquida, produção e consumo de bens imateriais, real e virtual, a proposta permite uma inserção no debate sobre co-criação no ciberespaço, a partir das diferentes formas de extensão do episódio em rede e das versões produzidas por distintos processos enunciativos, identificados pelas demais coberturas expressivas do vídeo de origem. Este artigo toma como questão central a diluição das fronteiras entre o real e o virtual e também o fenômeno da replicação viral que afeta a instância enunciativa, em decorrência da instituição de novos enunciadores, responsáveis pelas alterações subsequentes do plano da expressão<sup>12</sup> do vídeo original. Co-criadores de uma mesma narrativa, assim considerados em sua totalidade e que, pelo domínio de habilidades

---

<sup>12</sup> A semiótica estabelece que todo e qualquer texto ou discurso se organiza a partir de um plano do conteúdo e um plano da expressão, correspondendo este último ao processo da textualização, do dar a forma. Entende assim que a expressão dá existência a um conteúdo.

específicas, se apropriam, subvertem e retextualizam o discurso, manifestando uma produção coletiva não programada.

### **Nas artimanhas do ciberespaço**

A produção e circulação de bens imateriais são próprias das relações humanas e se intensificam com o uso de aparatos tecnológicos que dinamizam diferentes possibilidades de interação. Diz Santaella (2005) que junto com as máquinas de produção de bens materiais – propiciadas pela revolução industrial no século XIX – também surgiram máquinas de produção de bens simbólicos, habilitadas para produzir e reproduzir linguagens que funcionam como meios de comunicação, conformando novos ambientes culturais, sendo ainda capazes de alterar as interações sociais e a estrutura social em geral.

O ciberespaço redefine o espaço da comunicação na sociedade contemporânea, ao oferecer uma paisagem tecnológica que se tornou um dos princípios pelos quais a mesma se estrutura e se organiza. Com ele floresce o conceito de cibercultura para designar o conjunto de agenciamentos que ocorrem no novo mundo da comunicação em rede. O homem vive uma época marcada pela tecnocracia, pela presença maciça tanto de aparatos tecnológicos quanto de possibilidades de conexão ao ciberespaço, uma ubiquidade<sup>13</sup> constante que, como afirma Santaella (2007, p. 237), “inclui tanto interações sociais quanto conexões com a internet (...)”, o que classifica como “estado pervasivo<sup>14</sup> de presença ausente”. Com base em Quéau (2002, p. 478-79), ela justifica:

A cibercultura está umbilicalmente ligada à mundialização em curso e às mudanças culturais, sociais e políticas induzidas por essa globalização. Ela se apóia sobre esquemas mentais, modos de apropriação social, práticas estatísticas muito diferentes das que conhecíamos até agora. A navegação abstrata em paisagens de informações e de conhecimentos, a criação de grupos de trabalho virtuais em escala mundial, as inúmeras formas de interação possíveis entre os cibercibers e seus mundos virtuais criam enorme quantidade de comportamentos inovadores cujas conseqüências sociais e culturais ainda não puderam ser suficientemente estudadas.

De fato, a emergência das redes telemáticas de informação mediadas por dispositivos computacionais promoveu transformações profundas não somente na dinâmica do processo

---

<sup>13</sup> Por ubiquidade entende-se a conexão constante ao ciberespaço, potencializada através dos dispositivos móveis de comunicação como telefones celulares, redes wi-fi e computadores portáteis, que permitem o acesso sem fio à internet.

<sup>14</sup> Presença pervasiva pode ser definida como o uso intensivo de computadores, tanto para a informatização da sociedade, quanto nas relações humanas.

comunicacional, mas também na percepção de um sujeito fragmentado e inserido em um contexto onde as múltiplas facetas da realidade se apresentam a ele das mais variadas formas. A revolução tecnológica vivenciada a partir da segunda metade do século XX representou não apenas o maior avanço científico da era moderna e a quebra de muitos paradigmas vigentes, de maneira nunca antes pensada, mas exigiu também uma nova racionalidade, uma forma inédita de se pensar a realidade, as estruturas formadoras da mesma e, também, os indivíduos que nela estão inseridos.

Conceitos como cibercultura e ciberespaço, interação mediada por computador, não-lugares e processos de des-re-territorialização<sup>15</sup> passaram a dominar as discussões entre os que tentavam dar conta das transformações pelas quais perpassava a sociedade. Como exemplo, “Mil Platôs” (1995 - 1997), de Deleuze e Guattari, uma obra repleta de reflexões sobre esse novo momento e que introduz conceitos essenciais para a compreensão das novas configurações advindas da emergência das redes planetárias de comunicação. É a era da disponibilidade e do acesso à informação, das redes colaborativas de produção de conteúdo e de conhecimento e do consumo midiático, possibilitada pela digitalização de mensagens via “transformação de átomos em bytes” (NEGROPONTE, 1995) e da dissolução do esquema emissor-receptor, que “(...) embaçou a fronteira de emissão e recepção, liquefazendo as duas vias num ambiente rizomático” (PELLANDA, 2007, p. 10).

Ao disponibilizar mecanismos que facilitam a produção e a transmissão de conteúdos, a internet constitui o que Levy (2000) chama de “inteligência coletiva”. Tem-se, de tal modo, uma construção de conhecimento através da troca simbólica de experiências e da cooperação entre membros de comunidades virtuais, conectados a uma rede planetária de comunicação. Crê o autor que o virtual, para ser entendido, necessita ser considerado como parte ou como aquilo que está em potência do real. É o que se constata nesta análise, visto que real e virtual evidenciam que não são universos isolados, constituindo uma mesma experiência. Ao classificar a tendência à separação entre estas duas instancias de organização social como metáfora dos universos paralelos, Santaella (2007) concorda que as fronteiras entre o real e o virtual são tênues e que é possível habitar todas essas esferas simultaneamente, fazendo com que elas se diluam em um único espaço. É o que caracteriza o ciberespaço como um *locus*

---

<sup>15</sup> Lemos (2006, p. 6) afirma que o ciberespaço promove um processo de des-re-territorialização, não somente sob a ótica da compreensão espacial e temporal, mas também como de “quebra de controle e hierarquias, de territorialização e desterritorialização” e diz que a internet é “(...) efetivamente máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além das fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influencia global na formação do sujeito)”.

desterritorializado e atemporal de trocas simbólicas entre sujeitos, por meio de interações mediadas por dispositivos tecnológicos.

O que se identifica através desta construção discursiva plural é que sujeitos distintos, sem necessariamente qualquer vínculo fora do espaço virtual, somam fazeres individuais na constituição de um todo de significação, com inserções de elementos de suas próprias escolhas em outras formas de sintaxe expressiva. No caso em questão, constata-se também que a subversão à forma é um processo de retextualização e de recontextualização de seus usos e consumo, pois as versões mantêm como linha isotópica comum a “irritabilidade” como traço do comportamento humano presente na primeira versão. Ressemantizado por novas coberturas textuais, o vídeo original assume configurações que levam, principalmente pela paródia, ao entretenimento e ao riso, próprios das sátiras e de suas flutuações entre humor e ironia. Tais escolhas refletem a liberdade enunciativa própria do universo virtual, ao revelar a multiplicidade de olhares que não só trafegam a cibercultura como a povoam com outros pontos de vista. Ao refletir sobre como habitar o ciberespaço, Ascott (2008, p. 38) assim diz:

Somos nós nos reencontrando, depois do desperdício humano na idade da razão, da idade da certeza, do determinismo e dos valores absolutos. [...] A ciberpercepção é a percepção simultânea de uma multiplicidade de pontos de vistas. A ciberpercepção não é tanto uma nova faculdade, mas uma faculdade revivida.

Outra constatação permitida pela análise em curso é relativa à instauração de múltiplos “replicators”, os internautas que também se apropriaram das versões produzidas e as estenderam em suas próprias redes, com uma força viral surpreendente. O episódio da discórdia do casal, assim concebido pelas manifestações da mulher que aos gritos demonstra sua insatisfação – ao modo de uma “liquidação pública da falta” de um objeto da qual foi supostamente espoliada – se transforma, em rede, em um objeto imaterial de trocas simbólicas contínuas. É exatamente esta força viral que permite a aproximação com o preceito de Richard Dawkins<sup>16</sup> (1995, p.120) de que algumas idéias fazem na cultura humana o mesmo que os genes “de sucesso” na herança biológica: competem e cooperam, mudam e se conservam em diferentes rios culturais.

Cenas domésticas ou fortemente institucionais (execução de Sadam Hussein, por exemplo), barulhos, falas despreziosas, erros ou flagrantes recolhidos do cotidiano, sem tratos técnicos sofisticados ou manipulados – com os diversos recursos permitidos pelos inúmeros *softwares* também distribuídos fartamente por meio da internet – resultam numa

<sup>16</sup> A hipótese de Dawkins é defendida em diferentes obras como *The Selfish Gene* (1976); *The Extended Phenotype* (1982); *The Blind Watchmaker* (1986) e em *River out of Eden* (1995).

diversidade incalculável de bens simbólicos de diferentes matizes que passam a constituir conteúdos sempre disponíveis, porque encontrável em uma infinidade de pontos físicos da rede. Realiza-se o que Chris Anderson (2006) denomina “cauda longa”, do ponto de vista da disponibilidade de produtos e de sua forma de consumo no ciberespaço.

A enunciação, por sua vez, é sustentada pelo pressuposto da existência de um internauta potencialmente interessado em receber o enunciado em algum ponto na rede (enunciatório presumido). Do domínio repertorial deste enunciatório dependerá sua leitura; e de sua vontade e habilidade no manejo do instrumental tecnológico de enunciação, o seu lugar e grau de atividade no processo de enunciação. Ele pode ser meramente um espectador, ou um novo enunciador, neste caso ao replicar simplesmente (postando o mesmo vídeo em uma área de seu uso ou domínio), ou interferindo no enunciado e produzindo deslocamentos e novos sentidos.

### **Coexistência entre Público e Privado**

A presença da mulher no vídeo se evidencia quase como uma sombra produzida pelo jogo de luzes da cidade e das limitadas possibilidades tecnológicas de uma câmera “indiscreta” do aparelho de telefonia celular. É quase um reflexo da captura secreta de um vizinho, provavelmente perturbado em seu sono pela gritaria e xingamento durante a madrugada. Todos os minutos de gravação se concentram na imagem de um táxi, estacionado em frente à calçada de um edifício residencial e é deste espaço que a mulher tenta, em vão, obter uma resposta do ex-namorado aos gritos de *“me dá meu chip, Pedrooo!”*.

O cenário é constituído por um recorte do espaço público que serve de ambiente para a repetição de um mesmo enunciado básico, seguido de algumas expressões não cordiais que designam culturalmente a desqualificação de um oponente em situações próprias dos conflitos nas relações humanas. O áudio limita-se aos gritos e “palavrões” da mulher, aos quais se somam alguns “Psiu!”, como evidências da irritação de algum morador da vizinhança. Em seu conjunto, o vídeo constitui uma narrativa completa, com situação inicial e final reveladas de forma explícita. Expõe uma estratégia persuasiva autoritária, pela imposição de um “dever” atribuído ao outro, pressuposto usurpador de um bem que não lhe pertencia. A portaria de acesso ao prédio permanentemente fechada e os evasivos “Psiu!” funcionam como uma não reação positiva aos apelos verbais, ao modo de uma sanção negativa a um comportamento

assumido em espaço público, resultando em uma interdição<sup>17</sup> da mulher como sujeito desejoso de reaver o “chip” como um objeto de sua propriedade. A permanência do táxi no mesmo lugar e sua retirada transportando a mulher a um presumível endereço próprio, indica que o deslocamento dela até aquele prédio tivera esta finalidade, construindo o encadeamento de um percurso narrativo programado.

Constata-se que se trata de um episódio de caráter privado ocorrido em espaço público e que, por esta circunstância, possibilitara uma gravação imediatamente postada na internet, alcançando uma visibilidade inimaginável na esfera pública midiática (virtual e real). Uma confirmação, portanto, da diluição também das fronteiras entre o público e o privado. Santaella (2007, p. 25) afirma que:

Nesta era de comunicação móvel, todos testemunham o desaparecimento progressivo dos obstáculos materiais que até agora bloqueavam os fluxos dos signos e das trocas de informação. Cada vez menos a comunicação está confinada a lugares fixos, e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura de nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir, reviravoltas na nossa afetividade, sensualidade, nas crenças que acalentamos e nas emoções que nos assomam.

A construção da idéia de público e privado vem dos gregos do século VI a.C. que entendiam o privado como espaço da necessidade, do nascimento, da manutenção do corpo e da morte, sendo, a casa, o lugar onde as ocupações relacionadas a essa dimensão se desenrolavam. O domínio do público caracteriza-se pela visibilidade, por ser visto e ouvido por todos, que seria a base para a nossa própria percepção da realidade. Segundo Harendt (2005), a esfera pública é o local adequado para a excelência humana, onde se encontra o mundo, universo que é comum a todos. Ao longo da história, esses conceitos, embora sempre presentes, assumem uma fronteira extremamente móvel, sendo permanentemente ressignificados.

No contemporâneo, o surgimento da internet e dos dispositivos tecnológicos de registro e distribuição de informações têm contribuído para alargar a esfera pública, trazendo para os seus domínios questões que, em outros contextos, eram tratados nos círculos pequenos da esfera privada, ainda mais estreita quando envolvendo questões íntimas. As mudanças nos territórios do público e do privado, entretanto, devem ser vistas como resultantes de abrangentes repactuações políticas, sociais ou morais, que não dependem ou são determinadas apenas pelos dispositivos de comunicação. Basta lembrar que nos tempos da monarquia a

---

<sup>17</sup> O sujeito interditado para a Semiótica Discursiva é constituído pelas modalidades do querer e do não poder fazer.

noite de núpcias do rei era acompanhada ao vivo pela corte, pois se exigia prova cabal da concretização do ato sexual como finalizador do compromisso, mais político do que matrimonial.

O episódio objeto desta reflexão ilustra também uma característica desta era de comunicação e de possibilidade de conexão ubíqua, própria do ciberespaço: a hibridização e a transposição do espaço físico com o virtual, o que Santaella (2007, p. 217) classifica como “espaços intersticiais”, ou seja, a diluição entre as fronteiras entre aquilo que é (atual, presente) e aquilo que está em potência de sê-lo (virtual, potência), onde a informação percorre os dois caminhos: do mundo real para o virtual, e também o sentido inverso. Com efeito, a discussão entre os interagentes, gravada com o dispositivo móvel do vizinho espectador e disseminada no ciberespaço de forma descontrolada, realiza a entrada de um evento acontecido no espaço físico no mundo virtual. Entretanto, quando o fato ganha destaque e tem início uma verdadeira caça à residência onde o evento ocorreu, e aos envolvidos, o caminho inverso é percorrido, ou seja, o interesse despertado através de um conteúdo circulante na rede é transposto para o mundo real, ganhando relevância e notoriedade.

As interações ocorridas nesse ambiente ciberespacial também devem ser estudadas para que se faça uma diferenciação entre as trocas simbólicas que ocorrem entre indivíduos conectados à rede, daquelas que ocorrem entre máquinas informáticas e usuários. Primo (2007) diferencia as interações que perpassam nesse ambiente entre as mútuas e as reativas. As interações reativas são mais limitadas e com resultados previsíveis, pois pressupõem que as possibilidades de resposta do usuário tenham sido previamente calculadas pelo idealizador do programa ou *website*. Trata-se de um sistema alopoiético, pois “(...) segue os passos impostos por outro subsistema externo e (...) sua presença e desempenho na interação restringe a evolução da mesma, convertendo a relação em um processo determinístico” (ibid., p. 136).

Em contrapartida, as interações mútuas são aquelas que se estabelecem através do processo dialógico entre os sujeitos, tanto através de troca de mensagens instantâneas, *e-mails*, ou em fóruns de discussão nas redes sociais no ciberespaço. O autor defende que este tipo de interação se caracteriza por “relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente (...)” (ibid., p. 57). E é justamente este o foco que o autor dá à questão da interação mútua, afastando a análise de um modelo mecanicista da informação,

assumindo um enfoque relacional. Por tal perspectiva, privilegia-se o processo da interação e das trocas entre os indivíduos não isoladamente, mas como um sistema complexo que afeta a própria percepção dos envolvidos e sua autopoiese – ou capacidade de se autocriarem – a partir de experiências que vão sendo adquiridas e mescladas àquelas prévias, o que é próprio das trocas estabelecidas nas relações humanas. É exatamente este o processo observado nas variações do primeiro vídeo.

Santaella (2007, pág. 28) confirma que o ciberespaço se transformou na “[...] nova ágora, um espaço que transmuta trocas e vivências” e que este “também é o espaço do mito e da memória coletiva”, acrescentando, ainda, que “nas comunidades virtuais, nos fóruns de discussão e nos registros, a força simbólica [...] emerge como experiência vivida, cotidiana, simultaneamente única, coletiva e universal” (ibid., 2007). Jenkins (2008, p. 55), apoiado em Lévy, acrescenta que “[...] essas novas comunidades são definidas por afiliações voluntárias, temporárias e táticas, e reafirmadas através de investimentos emocionais e empreendimentos intelectuais comuns”.

### **Considerações finais**

Essas questões sobre o novo modo de realizar a vida na sua dimensão social e cultural, expressas por meio de linguagens e narrativas, podem incitar um breve debate sobre o homem na pós-modernidade para refletir sobre o fazer da cultura através de processos e produções que são coletivas, e realizadas de forma espontânea, por contágio, portanto, viral. Operada no interior das possibilidades das tecnologias comunicacionais organizadas em rede, ambiência social que produz e reproduz, afeta e é afetada por novos mecanismos de mediação, o que por si só confirma uma reterritorialização da cultura e da vida social.

Tais modalidades de partilha e de convivência podem ser compreendidas como experiências da modernidade líquida, conforme Bauman<sup>18</sup>, em uma sociedade na qual vicejam a cultura do provisório e do efêmero, a instabilidade das formas e liquefação de estruturas que antes funcionavam como sustentáculo de organização social aparentemente durável. Vejamos que elementos o autor (2001, p. 8) nos fornece para esta reflexão:

---

<sup>18</sup> O autor introduz o conceito de modernidade líquida para o entendimento do estágio no qual se encontra imersa a sociedade contemporânea, abarcando a vida pública e a privada, além das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos.

Os líquidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados: diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (...).

As transformações aqui apontadas evidenciam alterações não somente no mundo em que o homem contemporâneo vive e na forma como ele o percebe, mas também em sua noção de espaço e território, de público e privado, de sua própria corporalidade e das relações sociais. Guiadas pela volatilidade de uma lógica de consumo que ultrapassou as barreiras mercantilistas, suas experiências agora perpassam as trocas simbólicas, muitas vezes superficiais e descartáveis.

Mesmo que intrigantes, o modo como se processa a comunicação e com ela se instala a cultura, o fundamental na breve análise proposta neste artigo se resume à constatação de que as experiências compartilhadas no ciberespaço não ocorrem em um espaço paralelo à vida cotidiana: a relação entre real e virtual se entrecruzam constantemente. E tal entrecruzamento tanto afeta a percepção do mundo, como produz alterações nele e nos modos de vida, mesmo que a força motivadora de um repensar hábitos, ações ou sentimentos seja um vídeo como “*Pedro, me dá meu chip*”.

Em cada versão, conclui-se pela presença particular de um corpo que em sua totalidade intuitiva e cognitiva é capaz de recriar, não só o objeto da sua percepção e apreensão, acrescentando-lhe novos sentidos, mas de co-criar para si e para (e com) os demais, reinventando novas formas de experiências de relações humanas, “virtualizadas ou telerealizadas” (SODRÉ: 2006), o que nos parece de acordo com a lógica da modernidade líquida, visto que tais processos comportam as marcas da fugacidade e da fragilidade dos laços criados.

### **Bibliografia consultada**

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ASCOTT, Roy. A arquitetura da ciberpercepção. LEÃO, Lúcia. **Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

COUTO, Gil Horta Rodrigues. **Revisitando McLuhan: os telefones celulares sob uma ótica mcluhaniana.** Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/horta-revisitando-bocc.05.09.pdf>> Acesso em 05 jul. 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, v.1-5, 1995-1997.

FERREIRA, Luciana. **Modos de ocupação do Ciberespaço.** Anais da SIGraDI 2000 (Congresso Ibero-Americano de Gráfica Digital). Publicação em CD-ROM. Disponível em <<http://www.eco.ufrj.br/lucianaferrreira>> Acesso em 30 jul 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

HARENDT, Hannah, **A Condição Humana.** Forense universitária, São Paulo, 2005

LEMONS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão.** In: LEÃO, Lúcia. Cartografias do Ciberespaço. São Paulo: Annablume/ Senac, 2004, p. 17 – 43.

\_\_\_\_\_. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis.** Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. Disponível em <<http://www.andrelemons.info/artigos/territorio.pdf>> Acesso em 10 set. 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2000. 2ª edição.

MORAES, Dennis De (Org.). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

NEGROPONTE, Nicolas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador: Comunicação, Cibercultura, Cognição.** Porto Alegre, Sulinas: 2007.

\_\_\_\_\_. **A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter.** In: Intercom 2009 – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2122-1.pdf>> Acesso em 20 set. 2009.

RHEINGOLD, Howard. **Smart Mobs: The Next Social Revolution.** New York: Basic Books, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Por que a comunicação e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, Vozes, 2002.